RESUMO

Em um Brasil marcado pela rica diversidade cultural, a valorização da cultura indígena se torna essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Nesse contexto, a educação assume um papel fundamental ao utilizar de autores e artistas indígenas em seus currículos, promovendo o reconhecimento e o respeito à ancestralidade indígena. O presente estudo tem por objetivo apresentar por meio de uma revisão bibliográfica a diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil atrelada a educação. O texto abordou o cenário da música indígena contemporânea conhecendo as diferentes cenas das músicas indígenas no Brasil por meio de seus representantes e compreender a inserção e uso de novas tecnologias no processo de criação de artistas músicos indígenas. O artigo também apresentou propostas pedagógicas para inspirar os educadores seu planejamento. A falta de materiais didáticos adequados e a invisibilidade de autores indígenas nas escolas ainda representam desafios para o ensino das culturas originárias. Fora do radar no circuito comercial, a música contemporânea brasileira realizada por indígenas vem conquistando novos espaços na cena independente nacional e internacional. Aos educadores que tiverem contato com esse material possa promover a interdisciplinaridade: A literatura indígena pode ser utilizada como ponto de partida para projetos interdisciplinares, que integrem diferentes áreas do conhecimento e promovam uma aprendizagem mais significativa.

Palavra-Chave: Diversidade cultural, educação, povos indígenas, música e educadores.

ABSTRACT

In a Brazil marked by rich cultural diversity, valuing indigenous culture becomes essential for building a more just and inclusive society. In this context, education plays a fundamental role by using indigenous authors and artists in their curricula, promoting recognition and respect for indigenous ancestry. The present study aims to present, through a bibliographic review, the sociocultural diversity of indigenous peoples in Brazil linked to education. The text addressed the contemporary indigenous music scene, getting to know the different indigenous music scenes in Brazil through their representatives and understanding the insertion and use of new technologies in the process of creating indigenous musical artists. The article also presented pedagogical proposals to inspire educators in their planning. The lack of adequate teaching materials and the invisibility of indigenous authors in schools still represent challenges for teaching original cultures. Off the radar on the commercial circuit, Brazilian contemporary music performed by indigenous people has been conquering new spaces in the national and international independent scene. Educators who have contact with this material can promote interdisciplinarity: Indigenous literature can be used as a starting point for interdisciplinary projects, which integrate different areas of knowledge and promote more meaningful learning.

Keyword: Cultural diversity, education, indigenous peoples, music and educators.

INTRODUÇÃO

Em um Brasil marcado pela rica diversidade cultural, a valorização da cultura indígena se torna essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Nesse contexto, a educação assume um papel fundamental ao utilizar de autores e artistas indígenas em seus currículos, promovendo o reconhecimento e o respeito à ancestralidade indígena.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância da educação indígena, orientando a construção de currículos diferenciados e bilíngues que valorizem os saberes e práticas dos povos originários. As habilidades da BNCC, inclusive, contemplam o estudo crítico da história e da cultura indígena, promovendo a compreensão da diversidade e da contribuição indígena para a formação do Brasil.

O presente estudo tem por objetivo apresentar por meio de uma revisão bibliográfica a diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil atrelada a educação. O texto pretende também abordar o cenário da música indígena contemporânea conhecendo as diferentes cenas das músicas indígenas no Brasil por meio de seus representantes e compreender a inserção e uso de novas tecnologias no processo de criação de artistas músicos indígenas.

No entanto, frequentemente

observa-se que tais culturas são exploradas de maneira estereotipada e são utilizadas referências artificiais sobre os hábitos e conhecimentos dessas populações. A falta de materiais didáticos adequados e a invisibilidade de autores indígenas nas escolas ainda representam desafios para o ensino das culturas originárias. Essa realidade reforça a necessidade de encontrar formas com os professores para lidar com a temática de forma crítica e reflexiva, além de promover a produção e a difusão de materiais didáticos que valorizem a cultura indígena (BORGES, 2024).

Nesse sentido, a literatura indígena se apresenta como uma ferramenta para o ensino das culturas originárias. Através da leitura de livros, contos, poemas e outras formas de expressão literária, os alunos podem se conectar com a cosmovisão indígena, conhecer suas histórias, crenças e valores, além de desenvolver a empatia e o respeito pela diversidade.

Diversos autores e artistas indígenas contemporâneos estão produzindo obras literárias de alta qualidade, abordando temas como a relação com a natureza, a luta por seus direitos, a preservação da cultura e a identidade indígena. Obras como "Redondeza', de Daniel Munduruku, convida os leitores à aproximação e encontro com as crianças e infâncias indígenas. Através das narrativas do texto e das imagens, percorremos lugares de viver e pertencer apresentados por várias crianças, do ponto de vista deles. É um exemplo de livro que pode ser utilizado em sala de aula para promover o ensino da cultura indígena de forma rica e envolvente na educação infantil (BORGES, 2024).

A pesquisa visa promover o respeito à diversidade cultural: Reconhecendo e valorizando a cultura indígena, combatemos o racismo e a discriminação, construindo uma sociedade mais justa e inclusiva. Aos educadores que tiverem contato com esse material possa promover a interdisciplinaridade: A literatura indígena pode ser utilizada como ponto de partida para projetos interdisciplinares, que integrem diferentes áreas do conhecimento e promovam uma aprendizagem mais significativa.

MÚSICAS INDÍGENAS NO BRASIL

Antes de mais nada, será preciso compreender que a música indígena é fundamentalmente um fenômeno social, coletivizado tanto na sua produção como na sua escuta. Vale dizer, na música indígena (e nos referimos em particular aos séculos anteriores) todos participam simultaneamente como produtores e fruidores da música, inexistindo as noções de "artista" e de "público", de "palco" e de "plateia", ou tampouco a ideia de "espetáculo". A música indígena integra-se frequentemente a um evento coletivo ou a uma função social importante para toda a comunidade – como uma festa, um canto de trabalho, uma incitação à guerra, um ritual de passagem, um encantamento, um exercício de memória coletiva, uma dramatização mitológica.

A experiência solitária do compositor que produz uma música interiorizada, que diz respeito aos seus sentimentos pessoais e às suas percepções subjetivas do mundo, e do ouvinte que consome esta música na sua privacidade – tão típicas da música ocidental de hoje em dia –, inexistia no universo musical nativo de períodos anteriores, embora exista na contemporaneidade, na qual se misturam concepções indígenas de antigas tradições com outras, de novas tradições. Bem ao contrário, a dimensão social da música indígena já se depreende dos primeiros relatos sobre o Brasil, como neste que vem da parte do padre Fernão Cardim, durante uma visitação em 1583, onde o jesuíta surpreende em determinada tribo uma celebração coletiva da guerra (ou talvez uma demonstração simbólica de força):

> Não se lhes entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito os seus antepassados. Arremedam pássaros, cobras, e outros animais, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar (CARDIM, 1980, p. 152).

Ao mesmo tempo em que ignora o individualismo musical, a musicalidade indígena desconhece este conjunto de fatores que José Miguel Wisnik (1999) chamou de "recalque do ruído", e que se tornou tão típico da música ocidental a partir de certa altura do seu desenvolvimento, só vindo a ser questionado por algumas das novas tendências do século XX. Assim, "a inviolabilidade da partitura escrita, o horror ao erro, o uso exclusivo de instrumentos melódicos afinados, o silêncio exigido à plateia", e mesmo está "câmara de silêncio onde o ruído estaria idealmente excluído" (WISNIK, 1999, p. 42) - que vem a ser a sala de concerto instituída pela tradição musical burguesa –, nada seria mais estranho ao universo sonoro dos nativos brasileiros.

A música indígena ocorre ao ar livre, ou numa grande oca se for o caso, mas sempre coexistindo com um mundo de ruídos externos que podem vir da própria natureza ou das atividades cotidianas. Chamar estes sons de ruídos, aliás, é já uma projeção de categorias ocidentais que não têm qualquer sentido a partir da ótica indígena, já que o som produzido pelo nativo não se quer isolado ou contrastado em relação ao

som produzido pela natureza.

Do ponto de vista nativo, a música aqui celebrada em forma de dança é parte integrante da festa, da coreografia que inclui os dois sexos e todas as idades, do exercício de memória coletiva, do mito dramatizado – esta dramatização mítica que sintomaticamente fala por inversão da integração entre homem e natureza (a flor caída em terra é puro desperdício, que não tem lugar no modo de vida indígena).

Também percebemos na sucessão de uma dança mais melancólica a outra – mais rápida e envolvendo movimentos sensuais – a riqueza de sentimentos que podem ser conduzidos pela musicalidade nativa. Por fim, a comparação estabelecida pelos viajantes austríacos entre a Dança dos Puris e o Batuque Etíope é mais um sinal destes tateamentos típicos dos observadores europeus na sua ânsia de compreender o novo através de adaptações com relação ao já conhecido – isto que termina por falsear involuntariamente a realidade cultural indígena no que ela tem de mais específico.

Vale dizer, os viajantes europeus e outros estudiosos que depois que eles vieram, estão sempre em busca de comparar o sistema cultural e musical dos indígenas com o seu próprio, com o oriental, ou com os negros, ao invés de tentar resgatar uma identidade que lhe seja própria.

Deve-se ainda acrescentar que a poderosa dimensão social da música indígena não necessariamente tem de tomar a forma de uma manifestação coletiva. O canto emitido individualmente também tem o seu lugar, mas é preciso compreender que este canto atende sempre a uma função social bem marcada: pode ser o fio condutor de um encantamento utilizado para curar doenças ou evocar a chuva, no benefício de toda a comunidade; ou pode ser a canção que se abre para o registro da memória coletiva ou para a dramatização de um mito, através de cuja reprodução a comunidade inteira procura uma forma de autoconhecimento. Agora vamos refletir sobre a música indígena contemporânea e suas relações com as novas tecnologias.

MÚSICA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Nessa sessão vamos conhecer o cenário das músicas indígenas no Brasil por meio de seus representantes e compreender a inserção e uso de novas tecnologias no processo de criação de artistas músicos indígenas. Fora do radar no circuito comercial, a música contemporânea brasileira realizada por indígenas vem conquistando novos espaços na cena independente nacional e internacional. No painel de artistas indígenas, encontram-se nomes como Gean Ramos, Wakay, Bro Mcs, Djuena Tikuna, Karai Tibes, OZ Guarani, Werá MC, Kunumi MC, Katú, Brisa Flow, Edivan Fulni-ô, Kae Guajajara, DJ Eric Marky Terena, Nelson D, Oxossi Karajá, Wescritor, Nory Kayapó, Mokuka Kayapó, Marcia Kambeba, Suraras do Tapajós, Salu Kuikuro, Juão Nyn, Ian Wapichana, Sheinahu Yawanawa, MC Anarandá, Weena Tikuna, Amaru MC, Zahy Guajajara, Issac de Salú, Kw Wajãpi, Yarú Tupinambá e muitos outros (TUPINAMBÁ, 2018).

A grande maioria deles combate estereótipos usando a arte para levar mais atenção às suas lutas, culturas e realidades distintas. Nos últimos anos, esses artistas, principalmente os jovens, reafirmam suas identidades através das músicas, produções em diversas fusões de estilos como rap, funk, rock, pop, MPB, música eletrônica ou reggae. No ano de 2013, a fundação da web rádio indígena, conhecida como Rádio Yandê, se tornou uma das iniciativas mais bem-sucedidas e a primeira de difusão da música indígena no país, com transmissão de conteúdo musical em mais de 190 idiomas indígenas, além do acesso de mais de 80 países. No ano de 2019, a rádio realizou o Yby Festival, primeiro de música indígena contemporânea em território nacional, que apenas aconteceu por causa do trabalho de voluntários, apoiadores e doações de financiamento coletivo (TUPINAMBÁ, 2018).

O crescimento de produções musicais indígenas desperta setores que ainda não conhecem trabalhos desses músicos e cantores. Esses artistas nativos muitas vezes estão invisíveis no cenário devido à falta de conhecimento sobre as populações indígenas e são vítimas de preconceito e racismo – mas não medem esforços para fortalecer o reconhecimento profissional. Ser cantor ou cantora indígena é, antes de tudo, representatividade, entre mais de 270 etnias diferentes, línguas, culturas, população rural e urbana. Em países como Estados Unidos, Canadá, Chile, Peru e México, muitas são as produções de artistas indígenas que possuem visibilidade. Wakay foi um dos primeiros músicos e compositores indígenas no país a levar a produção artística brasileira para fora. Nascido na aldeia Kariri-Xocó de Alagoas, ele foi criado na aldeia Fulni-ô de Pernambuco e há 20 anos é liderança da Reserva Indígena Thá-Fene, em Lauro de Freitas, na Bahia. Com 19 anos de carreira artística, já esteve em Gelsenkirchen, na Alemanha; Montes Sibilinos, na Itália; e no Festival 8, em Grimsby, na Inglaterra. Sua música, no idioma Yaté, chama atenção pela tradicionalidade e identidade cultural. Ele se tornou um dos mais famosos cantores de Toré, um estilo de “música de rezo” tradicional e ritual de povos indígenas do Nordeste.

Gean Ramos é outro pioneiro em seu trabalho. O cantor, poeta, compositor e violonista, filho do povo Pankararu, de Jatobá, em Pernambuco, inspira e inspirou

com sua carreira de 20 anos muitos jovens indígenas desta geração. Eles enxergam no compositor um exemplo de resistência. Extremamente talentoso, seguiu seu sonho; é difusor do movimento da música indígena contemporânea. Sua música "Cartão Postal Pankararu", uma das mais conhecidas, se tornou uma grande referência do empoderamento da identidade Pankararu. Dotado de uma potente voz, chama atenção por onde se apresenta pelo dom. Foi o primeiro homem indígena brasileiro a ter o trabalho indicado a um prêmio internacional de música indígena, o Indigenous Music Awards (IMA) de 2018, que faz parte do Manito Ahbee Festival, na cidade de Winnipeg, no Canadá (TUPINAMBÁ, 2018).

Djuena Tikuna é uma cantora indígena do estado do Amazonas e também foi uma das artistas indicadas a prêmio no Indigenous Music Awards (IMA) de 2018. O nome Djuena significa "a onça que pula no rio". Ela nasceu na Aldeia Umariaçu II, da etnia Tikuna. Suas canções são no idioma de seu povo e compostas por ela mesma. É uma das cantoras indígenas mais populares, pelo tempo de atuação. No ano de 2017, foi a primeira indígena a protagonizar um espetáculo musical no Teatro Amazonas em 121 anos de existência do local. Ela lançou o álbum Tchautchiüãne. Também criou a primeira Mostra Wiyae de Música Indígena, com cantores e músicos amazônicos, em 2018.

Brô Mc's é o primeiro grupo de rap indígena. Charlie Peixoto, Kelvin Peixoto, Clemerson Batista Veron e Bruno Veron fizeram história e, com suas rimas afiadas na língua Guarani de seu povo Guarani kaiowá, em Dourados, no Mato Grosso do Sul, denunciam a realidade de sua aldeia. Em 2009, lançaram seu CD no festival Conexão Hip Hop. À música "Eju Orendive" estreou no portal do MinC e da MTV. Pela primeira vez, o cenário nacional tinha acesso à produção de indígenas em espaços como esses. Em 2018, fizeram uma marcante apresentação no Museu Weltkulturen, em Frankfurt, na Alemanha, e também receberam o prêmio Marçal de Souza Tupã'Y de 2018 (TUPINAMBÁ, 2018).

Kaê Guajajara é uma cantora indígena que canta em português, inglês e ze'egete, língua de seu povo. Ela iniciou sua carreira em 2018. Seus ritmos passeiam pelo rap, funk, entre outros. Natural de Mirinzal, é indígena Guajajara do Maranhão. Uma das artistas que mais têm lançado clipes e investido em novas produções.

Edivan Fulni-ô é indígena da etnia Fulni-ô, criado no território do povo Pataxó ha hãe na Bahia. Possui uma voz afinada marcante em suas apresentações. É cantor e compositor, foi integrante do grupo musical Coisa de Índio, estudou Agronomia e Comunicação e foi finalista do 14º Festival Metropolitano de Música Vozes da Terra. Em suas canções, denuncia o desmatamento, crimes ambientais e violência contra os povos indígenas (TUPINAMBÁ, 2018).

Katu é rapper e vlogger indígena, moradora da periferia de São Paulo, de origem Boe por parte paterna. Canta sobre sua experiência de mulher indígena urbana. Sua força nos palcos tem despertado os olhos da mídia e levado a parcerias com nomes como AfroJess, Marina Peralta e o coletivo Dubdem. Ela tem participado de clipes de artistas famosos como Iza, Gloria Glover e outros.

Nory Kayapo é um jovem funkeiro da etnia Kayapó, residente de uma terra indígena no município de Novo Progresso, estado do Pará. Ele canta no idioma kayapó com um ritmo e estilo de funk próprio.

PROPOSTAS DIDÁTICAS A PARTIR DAS CULTURAS INDÍGENAS

Para auxiliar o docente com propostas concretas que facilitem sua ação pedagógica, apresento a seguir sugestões a partir das quais os professores poderão fazer adaptações, criar novos caminhos e ampliar seu repertório de ferramentas para a ação (LOPES, 2023). São sugestões valiosas encontras em websites na qual os educadores tem livre acesso para seu planejamento.

PROPOSTA A

1) Na seção História do Site (http://www.culturaguarani.com.br/historia.html), há um relato sobre a formação das aldeias Krukutu e Tamboré Porá, em Parelheiros, Zona Sul de São Paulo. Proponha aos alunos a leitura e os seguintes questionamentos: -Qual a diferença entre a história relatada pelos indígenas e a história do índio presente nos livros didáticos e nos meios de comunicação? É importante lembrar que a ocupação da área pelos povos indígenas é recente, o que pode servir para a desconstrução da imagem do índio como estando inserido apenas no passado. Além disso, existem questões sociais envolvidas - os índios, imigrantes, estão na estrada vendendo seu artesanato. Existem também a questão do intercâmbio cultural, quando eles relatam que os primeiros ocupantes da área que originou as aldeias foram acolhidos por um senhor de origem nipônica, onde pode-se construir a imagem do índio isolado. Quais as palavras de origem tupi-guarani que eles usam no relato? Qual o significado dessas palavras?

2) Proponha que os alunos procurem imagens (fotografias) no Site e que as sepa-

rem em dois grupos: os das imagens semelhantes e o das diferentes daquelas imagens encontradas nos livros didáticos ou das representações dos indígenas nos monumentos da Cidade.

3) Na seção Cultura Guarani (http://www.culturaguarani.com.br/cultura.html) os índios descrevem vários aspectos de sua cultura. Trabalhe com os alunos estes temas, propondo a identificação dos costumes, da religião, da culinária, do canto, da dança etc.

4)O chamado mundo virtual não faria sentido se não possibilitasse a construção de laços no chamado mundo real. Por isso, proponha para seus alunos uma visita à Aldeia entrando em contato pelos meios disponíveis no Site (no link "fale Conosco"). É possível encontrar uma breve descrição das atividades desenvolvidas pela Associação com os visitantes no seguinte link: http://www.culturaguarani.com.br/local.html

5)Na visita à Aldeia, providencie câmera fotográfica e/ou de vídeo digital (e incentive os alunos a levarem suas câmeras, se possível), cadernos e lápis/caneta. A ideia é que os alunos também possam construir suas próprias imagens dos indígenas e disponibilizá-las através da Internet, onde as redações e fotografias/vídeos produzidos pelos alunos seriam publicados. Existem formas fáceis de construir um blog utilizando ferramentas gratuitas.

PROPOSTA B

Atividade extraclasse: visita aos Monumentos Indígenas na Cidade de São Paulo

É relevante, após o estudo, a leitura, o raciocínio sobre as novas fontes de informação e os novos enfoques que os textos podem trazer. Ao visitarem os Monumentos Indígenas referenciados durante o texto, terão possibilidade de comparar o que conheciam e o que foi aprendido para que percebam seu crescimento, aceitando ou não as ideias, percebendo os pontos de vista diferentes, criticando com argumentos, com fatos, com deduções e deixando assim de defender ideias superficiais, não refletidas e que revelam o senso comum, resultante da manipulação dos acontecimentos e fatos deturpados por interesses desconhecidos por eles. Portanto, além da visita Aldeia Guarani Krukutu em São Paulo, os seguintes Monumentos podem ser visitados e utilizados na elaboração das atividades em sala de aula.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E A RESOLUÇÃO 3/99 DO CNE

A Resolução 3/99 fixa as diretrizes nacionais para o funcionamento das escolas indígenas. Neste documento, importantes definições foram regulamentadas no sentido de serem criados mecanismos efetivos para a garantia do direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada e de qualidade.

Alguns merecem destaque, como a criação da categoria escola indígena, garantindo autonomia pedagógica e curricular para essa escola. Outro ponto importante é a garantia de uma formação específica para os professores indígenas.

A resolução estabelece que os Estados deverão instituir programas diferenciados de formação para seus professores indígenas, bem como regularizar a situação profissional dos professores indígenas, criando uma carreira própria para o magistério indígena e realizando concurso público diferenciado para ingresso nessa carreira (MEC, 2002).

Atualmente podemos afirmar que a prática docente na Educação Escolar Indígena deve ser pensada a partir da cultura e do modo de vida dos povos originários. Porém, uma vez que sabemos que eles não partilham das mesmas crenças e modos de organização de vida dos homens brancos, tem sido cada vez mais importante estudar e compreender suas culturas para garantir o direito a uma educação diferenciada e de qualidade. É importante salientar que, na maioria das escolas indígenas, os professores que administram as aulas não são indígenas. Em seu livro Baniwa (2006) ressalta a importância de ter docentes indígenas em sala de aula, como um passo importante no avanço das escolas indígenas, facilitando o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que já estão apropriados da cultura daqueles a quem leciona. Entretanto, ainda são muitos os desafios enfrentados nas escolas indígenas para que de fato as suas culturas sejam respeitadas. Segundo Gersem Baniwa:

Os desafios atuais da educação indígena no Brasil giram em torno de duas grandes questões: a) implementação de programas adequados baseados em metodologias específicas de aprendizagem, por meio de pesquisas e de acordo com os interesses e as demandas das comunidades e dos alunos, o que necessariamente inclui a capacitação de recursos humanos e b) garantias de autono-

mia dos projetos educacionais, escolares ou não, tendo em vista as características e as necessidades definidas pelos povos indígenas (BANIWA, 2006, p.155).

Para tanto, o Programa Ação Saberes Indígenas na Escola (MEC) foi selecionado para ser utilizado como base dessa pesquisa, visto que o mesmo busca propulsionar os recursos e materiais didáticos utilizados nas Escolas Indígenas. Com isto, o objetivo deste trabalho é mostrar a importância do programa na formação de professores indígenas e na produção de materiais didáticos para as escolas indígenas.

O programa é uma ação que busca promover a formação continuada de professores e professoras da educação escolar indígena, especialmente daqueles que atuam nos anos iniciais da educação básica nas escolas indígenas. Tem como objetivos oferecer recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades da organização comunitária, do multilinguismo e da interculturalidade que fundamentam os projetos educativos nas comunidades indígenas; oferecer subsídios à elaboração de currículos, definição de metodologias e processos de avaliação que atendam às especificidades dos processos de letramento, numeramento e conhecimentos dos povos indígenas; fomentar pesquisas que resultem na elaboração de materiais didáticos e paradidáticos em diversas linguagens, bilíngues e monolíngues, conforme a situação sociolinguística e de acordo com as especificidades da educação escolar indígena.

Estudos a respeito da educação escolar indígena tem sido cada vez mais relevante para garantir uma escola intercultural e multilíngue, que preserve a história e a cultura dos povos originários de nosso país. A partir disso, este trabalho se justifica pela importância de falar sobre a criação e implementação de materiais didáticos específicos, direcionados para professores e estudantes indígenas, e a criação de políticas públicas que atendam as escolas indígenas.

Com isto, o objetivo desta pesquisa realçar a importância de programas que fomentem o desenvolvimento e a qualidade das escolas indígenas, assegurando a estes povos o direito a uma educação diferenciada. Para isto, foram estabelecidos dois objetivos específicos: o primeiro foi analisar materiais didáticos produzidos pelo programa Ação Saberes Indígenas na Escola e o segundo foi entrevistar e analisar o discurso de uma professora indígena que participa do programa e da produção dos materiais.

O educador docente tem um papel fundamental na construção e até em mudanças de paradigmas. Diante da problemática existente pelo déficit de pessoal qualificado para a docência desta forma especializada, é necessário que se instale de forma permanente e eficaz políticas públicas voltadas para esse profissional e que haja de forma continua e eficiente continuidade e fomento do aperfeiçoamento desse docente. A criação de um programa de educação continuada nos diversos níveis de formação nas estancias de graduação, pós-graduação, extensão desta modalidade de ensino. No tocante ao indígena diante de tanta legislação existente no país se faz necessário fiscalização e cumprimento delas uma vez que esse povo faz parte da cultura viva brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao integrar a cultura indígena na sala de aula podemos enriquecer ainda mais o ensino: A cultura indígena especificamente sua musicalização oferece uma gama de conteúdos ricos e diversificados, que podem ser utilizados para trabalhar diferentes áreas do conhecimento, como língua portuguesa, história, geografia, artes e ciências.

Apontado como um movimento musical etnofuturista indígena que está quebrando paradigmas e rompendo preconceitos, grupo de artistas contemporâneos está fazendo a população entender melhor sobre povos indígenas no século XXI. Desde o aparecimento de artistas divulgando seus trabalhos com a fundação da Rádio Yandê e a influência de valorização dos anos 70 até os dias atuais, com a cantora Marlui Miranda, que elevou a música a outro patamar. Com esse estudo concluo que é de grande importância promover o respeito à diversidade cultural: reconhecendo e valorizando a cultura indígena, combatemos o racismo e a discriminação, construindo uma sociedade mais justa e inclusiva. Aos educadores que tiverem contato com esse material possa promover a interdisciplinaridade: A literatura indígena pode ser utilizada como ponto de partida para projetos interdisciplinares, que integrem diferentes áreas do conhecimento e promovam uma aprendizagem mais significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BORGES; Saulo Simon. Ensino das culturas originárias: a importância dos auto-

res e artistas indígenas na Educação, 2024. Disponível em https://www.iepaulodetarso.org/2024/04/19/ensino-das-culturas-originarias-a-importancia-dos-autores-e-artistas-indigenas-na-educacao/ Acesso em 02/06/2024.

CARDIM, Fernão. Tratados da terra e gente do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

CUNHA, Manuel Carneiro da. (org) História dos índios no Brasil. São Paulom Cia. das Letras / SMCSP, 1992.

GUARINELLO, Norberto L. Os primeiros habitantes do Brasil. São Paulo, Atual, 1994 (Col. A vida no tempo)

LOPES, Marcel. Estratégias pedagógicas a temática indígena e o trabalho em sala de aula. Disponível em: https://lemad.fflch.usp.br/node/5354 Acesso em 02/06/24.

MAESTRI, Mário. Terra do Brasil. A conquista lusitana e o genocídio tupinambá. São Paulo, Moderna, 1993.

MELATTI, Júlio César. Índios do Brasil. São Paulo, Hucitec, 1985.

PREZIA, Benedito & HOORNAERT, Eduardo. Brasil Indígens. 500 anos de resistência. São Paulo, FTD, 2000.

PAULA, Eunice D. et al. Confederação dos Tamoios. Petrópolis, Vozes, 1986.

RAMOS, Alcida. Sociedades Indígenas. São Paulo, Ática, 1986 (Col. Princípios)

TUPINAMBÁ, Renata. Memória e tecnologia: a música indígena contemporânea, 2018. Disponível em: https://amarello.com.br/2021/05/cultura/memoria-e-tecnologia-a-musica-indigena-contemporanea/ Acesso em 02/06/24.

WISNIK, José Miguel. O